

A CRIANÇA FRENTE À SEPARAÇÃO DOS PAIS¹

Lenilda Estanislau Soares de Almeida²

Resumo

A proposta deste trabalho é dar uma contribuição à problemática das crianças atingidas pela separação dos pais, situação que se torna cada vez mais frequente, levando-nos a repensar a clínica de crianças nesses novos modelos de família nuclear: pais que se casam várias vezes, que se casam com companheiros(as) homossexuais, que voltam a morar na casa de seus pais ou que continuam morando juntos, mas sem nenhum envolvimento afetivo e sexual. Essa contribuição à causa da psicanálise infantil será exemplificada com fragmentos de um caso clínico.

Tudo o que não é significado em palavras é animal e não humanizado; tudo o que se diz em palavras é humanizado. (Dolto, 1989)

Os estudos psicanalíticos dos distúrbios emocionais da vida adulta comprovaram que estes originavam-se nos primeiros anos de vida. Várias contribuições de Françoise Dolto, Donald Winnicott, René Spitz, Margareth Malher e outros tiveram como mérito alertar sobre os acontecimentos cruciais da infância e o período em que eles seriam mais danosos para o seu desenvolvimento emocional. Sabemos o quanto a criança sofre, sofrimentos que estão articulados com o não dito ou com mentiras que são faladas para o “bem” da criança, mas que na verdade são desastrosas para a sua formação.

O estado de desentendimento entre os pais abala o filho tão profundamente quanto a separação. A criança sente-se ameaçada em sua própria coesão – são filhos bastante angustiados e inseguros. Crianças que perguntam aos pais se eles vão se separar ou se vão continuar brigando. Os pais deveriam explicar-lhes a diferença entre os compromissos recíprocos do casal, e os dos pais com seus filhos. O divórcio legaliza o estado de desentendimento e leva a uma outra situação para os filhos: pais separados. No início, o divórcio é algo misterioso, mas que não deve permanecer como tal, porque é uma situação legal e que traz um esclarecimento para os filhos. É

¹ Trabalho apresentado na VIII Jornada de Psicanálise do GPAL em 26 e 27 de novembro de 2010.

² Psicóloga Clínica (FAFIRE-PE) e Psicanalista do GPAL.

isso que devemos explicar quando os pais nos procuram com seus filhos num estado de desentendimento; tudo deve ser claramente dito aos filhos. Eles dependem física e psiquicamente dos adultos cuidadores que são geralmente os pais. E a maneira como cada membro do casal lidará com o fim do casamento pode propiciar uma melhor elaboração da separação ou um agravamento pelos desentendimentos.

A relação de casal é algo complexo, existem acordos conscientes e inconscientes. O vínculo de cada um dos cônjuges passa pela identificação com os seus pais enquanto casal parental, e cada um internalizará esse casal em função de suas próprias fantasias e desejos infantis e desenvolverá um modelo que seguirá na sua relação futura – um modelo mesclado pela ambivalência infantil, que impedirá um relacionamento livre e amadurecido.

Sabemos que os filhos situam-se em relação a ambos os pais numa triangulação mãe-pai-filho que começa desde o momento da concepção da criança. A díade mãe-bebê é uma etapa em que o lactente não pode ser separado da mãe sem o risco de uma ruptura existencial. É um estado fusional do organismo da criança com o organismo da mãe e qualquer suspensão duradoura provoca efeitos que são indelévels a longo prazo. Essa díade dá continuidade durante sete, oito ou no máximo, nove meses. Mas ela não exclui a triangulação mãe-pai-bebê.

Segundo Dolto (1989, p. 13), “[...] a díade é sempre uma triangulação. A mãe é, para seu filho, ‘bivocal’. Desde a vida fetal, ele percebe melhor a voz do pai falando com a mãe do que a voz desta última. E a mãe, para ele, é uma mãe ainda mais viva quando o pai conversa com ela”. Logo, o pai tem sempre um lugar marcado para o filho, mas é preciso que a mãe lhe enfatize, fale dele para o filho. Por exemplo: *“Papai vai lhe dar o banho, trocar sua roupa”*. *“Sabe, quando você estava na minha barriga, ele conversava com você”*. Quando a mãe nomeia o pai esse passa a ser o recurso afetivo da mãe, a qual, referida a ele, torna-se o recurso afetivo do filho. Todos os três são responsáveis perante os dois outros. A relação triangular de amor está dirigida para o desejo: é por vê-la pareada com um outro que o par formado pela criança com a mãe ganha

sentido para sua futura sexuação consciente, desafiando o desejo do outro no amor.

Nos novos modelos de família nuclear, onde há variações na relação parental (quando um dos pais está vivendo com outra pessoa), é preciso que o papel dessa terceira pessoa, para que ela própria torne-se acreditada, seja claramente dito à criança: que lhe seja dada uma explicação lógica que leve em consideração as relações afetivas. São situações em que a criança transfere para outras pessoas a triangulação necessária pai-mãe-filho. Podemos ver claramente nas brincadeiras e nos desenhos infantis.

É preciso que haja esses três personagens para que a criança sinta-se em equilíbrio dinâmico. A partir desses três é que se constrói a estrutura consciente do social e as projeções no social. Vemos isto nas relações de amizade das crianças: o menino e seu melhor amigo, a menina e sua melhor amiga, que por sua vez trará um colega, um terceiro, do sexo oposto. E essa amizade casta entre eles pode começar a ter um amado, um desejo pelo outro. Segundo Dolto, “[...] o colega do mesmo sexo serve de ego auxiliar para o menino; esse colega tem, por sua vez, um melhor amigo do momento, um ego auxiliar, e uma colega de quem os dois falam. O mesmo acontece com a menina”. (1989, p. 18). A vivência dos relacionamentos de amizade permite à criança entender a triangulação filho-mãe-pai. Quando não há essa estrutura a vida adulta de casal será conturbada. Poderá o sujeito chegar às perversões em relação à moral, às aberrações em relação à sua ética. Uma ética que foi deturpada pelas vivências infantis – por ele não ter podido encontrar do lado de fora duas pessoas que representassem nele a triangulação do início da vida.

As dissociações acarretadas pela separação dos pais na vida da criança interferem no corpo, na afetividade e no social. Seu corpo construiu-se num determinado espaço com os pais que estavam presentes. Quando os pais se separam, caso o espaço já não seja o mesmo, a criança não mais se reconhece nem mesmo em seu corpo, ou seja, em seus referenciais espaciais e temporais, já que uns dependem dos outros.

Como seu corpo se identifica com a casa em que ela vive, e já que o lar fica destruído para ela pela ausência de um dos pais, a criança vivencia dois

níveis de desestruturação: no nível espacial, que reflete no corpo, e no nível da afetividade através de sentimentos dissociados. Se a criança é muito pequena, só poderá fazer o trabalho afetivo de entender a separação dos pais quando permanece no mesmo espaço. O lugar de residência dos filhos deve ser aquele em que eles viveram com ambos os pais e onde deve permanecer com um único genitor (DOLTO, 1989, p. 22).

Em relação à escola, quando se trata de crianças a partir de sete ou oito anos, não é aconselhável que, por ocasião da separação, a criança seja forçada a mudar de escola. Ela poderá ter atraso escolar, pois, por estar bastante dividida, é provável que não acompanhe o ensino.

Na clínica percebemos a interferência no corpo, na afetividade e no social. Ilustraremos com o caso de Nara (nome fictício), de seis anos de idade. Há um ano os pais se separaram depois de muitas brigas e até agressões físicas. Ela era muito apegada ao pai e muito carinhosa com todos os familiares. O pai abandonou a casa sem dar explicações nem ajuda financeira e a mãe, para poder trabalhar, deixava a filha com a vizinha, e só a buscava à noite. Além disso, começou a namorar vários tipos de homens e levava-os para sua casa. Quando a avó da menor soube disso, levou-a para sua casa, pois não concordava com o ambiente em que a criança vivia. Essa avó me procura preocupada com Nara, que está com comportamentos “esquisitos”: coloca objetos nos ouvidos, morde a si mesma, não dorme bem, tem pesadelos, fala dormindo e é inquieta. Na escola não presta atenção na aula e não se relaciona com os colegas.

Enfatizamos que as crianças não internalizam só os cuidados dos pais para com elas, mas introjetam o tipo de relacionamento que ocorre entre os pais. Winnicott lembra que a criança interioriza a totalidade da experiência de forma a dominá-la e, assim,

[...] pode-se então dizer que um estado físico de pais que brigam vive dentro dela e, daí em diante, uma quantidade de energia é dirigida para o controle da relação má internalizada. Em certos momentos, essa relação má internalizada assume o controle e a criança passa a se comportar como se estivesse possuída pelos pais que brigam (1988, p. 361).

Essa foi a situação vivida por Nara. Passando pelo período edípico, ficou difícil elaborar a separação de seus pais em função da intensidade dos conflitos e das fantasias que permeavam aquele momento.

Para que a criança se constitua como sujeito, precisa manter o casal parental íntegro internamente, pois só assim será possível impedir a realização de suas fantasias agressivas e invejosas em relação ao casal idealizado, protegendo-a também de realizar as fantasias edípicas incestuosas, ou seja, o desejo de separar os pais e ter o genitor do outro sexo só para si.

Orientamos aos pais, mesmo separados, que dentro do possível tenham um bom relacionamento, que sejam unidos como pais daquelas crianças, tentando preservar a imagem do outro, e que jamais coloquem o filho ou a filha no lugar do genitor ausente. Dolto (1989, p. 46) enfatiza que, para a criança,

[...] seria preferível que a mãe e o pai, cada qual por seu lado, tivessem sua própria vida afetiva e sexual, a fim de que a criança não fosse colocada na situação de se considerar, ao mesmo tempo, filho/filha e cônjuge da mãe e do pai, o que bloquearia sua dinâmica estrutural.

Para o inconsciente da criança o importante é que haja um adulto que a impossibilite de realizar suas fantasias sexuais com seu genitor. Esse novo parceiro lhe permite viver o complexo de Édipo, caso não tenha vivido, ou reviver uma nova variação dele, o qual é marcado por conflitos afetivos de um amor-ódio em relação ao casal, que é ao mesmo tempo modelo e rival para a criança.

No caso clínico de Nara a separação dos pais e a saída de sua casa alteraram a estrutura e a dinâmica familiares. Será necessário um tempo de elaboração que irá permitir a ela dar um sentido simbólico às suas emoções e fantasias, transformando sua dor e agressão a si mesma em algo possível de ser partilhado de maneira saudável e criativa para o seu bom desenvolvimento psicosexual.

Na clínica, acompanhamos adultos cuja situação de separação dos pais na infância criou marcas profundas que ressurgem ora no corpo, em manifestações somáticas, ora em dificuldades num relacionamento afetivo duradouro, como uma reedição da situação vivida na infância. Procuram-nos no consultório, na esperança de romper uma compulsão à repetição, que é um processo inconsciente, e que poderá se perpetuar, interferindo nas novas gerações. Essa é a dinâmica do inconsciente.

REFERÊNCIAS

Dolto, Françoise (1989). *Quando os pais se separam*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

Winnicott, D.W. (1988). *Textos selecionados da pediatria à psicanálise*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.